



Biblioteca IPBeja + Acessível: uma biblioteca inclusiva numa instituição inclusiva

Elisete Sepanas

Instituto Politécnico de Beja, Portugal

elisete.sepanas@ipbeja.pt

Resumo

A Biblioteca do IPBeja assume-se como parceira em todo o processo de ensino-aprendizagem apoiando alunos e professores, para que possam aceder e usar da melhor forma os recursos de informação disponíveis, de acordo com as necessidades específicas de informação de cada um, pelo que a implementação de um serviço em articulação com o projecto IPBeja Acessível no âmbito da inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais, foi definido como um projecto prioritário a desenvolver. Considerando a necessidade de criar e otimizar serviços, disponibilizar tecnologias específicas de apoio, e sensibilizar para a necessidade de equidade de acesso à informação criou-se o projecto da Biblioteca+inclusiva.

O projecto está em estreita interligação com a equipa de Coordenação do Regime aplicável ao Estudante com Necessidades Educativas (CRENEE) e tem como objectivo geral capacitar o serviço e os recursos humanos para a resposta a necessidades de informação de todos os alunos e utilizadores em geral – prevendo a ligação com o ensino secundário e a abertura à comunidade regional, para apoio às necessidades de aprendizagem ao longo da vida.

Palavras-chave: Bibliotecas de ensino superior, Inclusão, Necessidades educativas especiais, boas práticas

Introdução

A inclusão em sociedade assume hoje um papel de relevância incontornável e de valor universal. As bibliotecas ganham especial destaque na missão social e cultural de *acesso*, em igualdade de oportunidades a todos os cidadãos, à *informação*. A literatura científica é profusa nos vários temas e abordagens relacionados com os ambientes inclusivos nas bibliotecas, sendo evidenciado um percurso na evolução dos modelos em que, numa primeira fase, se preconizava a existência de bibliotecas especializadas ou espaços diferenciados para, num segundo momento, se tender para um conceito de *biblioteca inclusiva* – o que decorreu da própria evolução dos modelos sociais e educativos para um conceito de cultura/educação inclusiva.

Este próprio conceito passou progressivamente por distintas abordagens de «normalização», «integração» e «inclusão». Presentemente neste quadro conceptual surge o conceito de *Universal Design for Learning* que preconiza uma abordagem mais holística e de raiz baseada originalmente na ideia de *design* inclusivo, em que se defende que o currículo deve, desde o início, ser concebido para servir *todos* os tipos de alunos, com as diferentes características que têm.

Neste sentido é assumido também de que todas as adaptações efectuadas – no sentido de inclusão – para os alunos com necessidades educativas especiais também beneficiam os restantes alunos (Alves, Simões, Ribeiro, 2013).

Sendo as bibliotecas de ensino superior serviços que têm como missão capital e lata o apoio às atividades de ensino, aprendizagem e investigação, aquelas têm de estar necessariamente atentas aos modelos sociais e educativos e integrarem nas suas práticas os conceitos de inclusão social e educativa.

A Biblioteca do Instituto Politécnico de Beja (BIPBeja) confrontou-se recentemente com a necessidade e a opção de incorporar práticas inclusivas na sua visão de serviço.

Contexto institucional

O Instituto Politécnico de Beja dispõe, para as suas quatro Escolas, daquela única Biblioteca, integrada nos Serviços Centrais. Serve um universo académico de cerca de 200 docentes e 3500 alunos. No ano lectivo de 2015/2016 foram 14 os alunos que requereram o reconhecimento da condição de aluno com necessidade educativa especial (em que avultam 7 casos de dislexia e 2 de deficiência neuromotora).

Contam-se hoje por várias as experiências de sucesso, quer a nível de bibliotecas públicas quer em bibliotecas de ensino superior, fazendo-se apenas notar que em Portugal não existem ainda linhas orientadoras transpostas para a realidade nacional. A nível internacional dispõe-se de documentos que permitem fazer uma avaliação do nível de acessibilidade da biblioteca [*Access to libraries for persons with disabilities – CHECKLIST* (IFLA,

2005) e *Access for library user with disabilities* (SCONUL Access Steering Group, 2012), elencando-se boas práticas neste último].

Era reconhecida a inexistência de práticas inclusivas na BIPBeja, que não fora ainda confrontada com a necessidade específica de facilitação de acesso à informação e serviços por parte de algum membro da comunidade académica; nem se procurara ainda obter informação sobre quantas pessoas seriam portadoras de tais necessidades. É com a receção, já em 2016, de um inquérito de diagnóstico de práticas inclusivas em bibliotecas universitárias portuguesas que a BIPBeja decide efetuar um diagnóstico interno, evidenciando pontos fortes, fracos e oportunidades e procedendo à integração de um plano de trabalho que imprimisse um acesso igualitário aos serviços e recursos de informação.

Como tornar a BIPBeja uma biblioteca acessível?

A Biblioteca começou por definir que a apropriação do conceito de *biblioinclusão* – definida por vários autores como a integração total dos utilizadores (Ribeiro e Leite, 2001 e Guerreiro, 2000, 2002) – numa experiência de utilização facilitada dos recursos, diminuindo ou eliminando eventuais barreiras no acesso e uso da informação, passaria necessariamente por partilhar a política já definida pelo contexto institucional e a existência do programa «IPBeja Acessível». A Biblioteca tornou-se assim parceira nas linhas de ação estabelecidas tendo em vista um grupo alargado de destinatários que incluem:

- i) Alunos do IPBeja com necessidades educativas especiais;
- ii) Alunos do mestrado de educação especial (em contexto de formação);
- iii) Formandos de entidades e parceiros regionais (programa «FACIC», para gerar contextos inclusivos na comunidade);
- iv) Alunos do ensino secundário (programa «FaciLE – Ligar ensinos», para manutenção do acompanhamento no ensino superior de alunos transitados do segundo ciclo);
- v) Comunidade regional (programa «FACIC»).

Este grupo alargado de utilizadores também reflete a transposição da missão da biblioteca como estrutura vocacionada para o apoio na formação e qualificação ao longo da vida, preconizada com tanta veemência pelo modelo do Espaço Europeu de Ensino Superior (Reyes, 2006).

Autores como Kumbier e Starkey (2016) destacam um princípio da justiça consubstanciado no facto de a *igualdade* no acesso convocar a imparcialidade (*fairness*) na distribuição uniforme – normalidade num ambiente totalmente favorável a todos os utilizadores no acesso e utilização da biblioteca. Esta *equidade* apela a soluções (*remedies*) de correção de injustiças históricas que impeçam ou diminuam o acesso universal.

Para a utilização de serviços e fundos com normalidade e em condições de igualdade com os restantes cidadãos atuou-se na procura de disponibilização de soluções tecnológicas que proporcionassem a autonomia sempre presente no quadro referencial da igualdade comunicacional ou acessibilidade na comunicação (veja-se Guerreiro, 2002). Por protocolo celebrado em julho de 2016 com a Fundação PT, foi a BIPBeja dotada de tecnologias de apoio a utilizadores com necessidades educativas especiais: quatro computadores monoposto e um portátil, todos eles equipados com dispositivos de *hardware* específicos e correspondentes aplicações informáticas (PT Jaws, PT Grid 2, PT Focus 14, PT PC Eye Go e PT Magic Keyboard), bem como ainda um *tablet* equipado com o dispositivo PT Magic Contact.

Retomando Guerreiro (2012, p. 369):

«O século XX demonstrou que, com invenção e imaginação, é possível estender o acesso a todos os recursos da comunidade. Mas, agora no século XXI, devemos ampliar esta acessibilidade, eliminando todas as obstruções ambientais, eletrónicas e comportamentais, que impedem a total inclusão na vida em comunidade (...).»

Por último, e fazendo a ligação com este pensamento de Guerreiro (2012) foi tido em conta o modelo social em que a acessibilidade tem a vertente, não menos importante, da eliminação das barreiras comportamentais (Playforth, 2004). Aproveitou-se o contexto institucional da organização de encontros e debates com especialistas nas áreas da educação especial para a equipa participar em contexto de (in)formação e ficar assim sensível para as necessidades e comportamentos deste tipo de utilizadores. E, ainda neste âmbito, fez-se formação na área da produção de documentos acessíveis, que, com a colaboração de duas docentes do IPBeja, será incorporada em manual de boas práticas institucional para a elaboração de documentos acessíveis.

Como linhas de ação futura temos:

- i) Aprovação do novo regulamento com referências explícitas à utilização dos espaços, recursos e equipamentos dedicados à facilitação do acesso e uso da informação pelos alunos e utilizadores externos com necessidades especiais;
- ii) Elaboração pela equipa de um guia referencial dos comportamentos e procedimentos a ter de forma padronizada por toda a equipa para o *front-office* – onde coexistem o serviço de referência e atendimento e é, portanto, feita a receção e o primeiro contacto do utilizador com necessidades educativas especiais; este manual será resultado de uma reflexão da equipa sobre os comportamentos positivos a ter e os negativos a evitar. Playforth (2004) refere a importância de um comportamento adequado na comunicação com estes utilizadores, referenciando que eles são muitas vezes confrontados com as perguntas ou os comentários errados acerca da sua deficiência, o que é em si uma barreira no acesso ao serviço;
- iii) Produção de transcrições de livros referência (indicados pelos docentes) para colaboração com a Biblioteca Aberta do Ensino Superior (BAES), assim se oferecendo

- recursos inclusivos e partilháveis entre as instituições aderentes (e onde a BIPBeja não está ainda integrada);
- iv) Ligação inevitável dos conceitos de educação inclusiva, biblioteca inclusiva e ciência aberta com a disponibilização, no repositório institucional do IPBeja, de recursos (produção científica e recursos adaptados, por ex. livros de histórias adaptadas) produzidos no âmbito do mestrado de Educação Especial, assim disponíveis em acesso aberto à comunidade e a outros serviços/instituições como as bibliotecas municipais;
 - vi) Avaliação do impacto na comunidade (a nível interno e externo).

Conclusão

As bibliotecas desde sempre que orientam os seus esforços na prossecução de uma missão de facilitação do conhecimento e do acesso plural, igualitário e sem limites à informação independentemente das condições diferenciadas dos seus utilizadores (Manifesto das Bibliotecas Públicas), preconizando que todos os utilizadores devem encontrar os recursos (serviços e documentos) adequados às suas necessidades.

O Acesso (à informação) como valor fundamental é também consagrado pela American Librarian Association: os recursos de informação devem ser acessíveis «readily, equally, and equitably».

A Biblioteca do IPBeja reconhece assim que apenas iniciou um longo percurso com a visão institucional de se tornar uma biblioteca inclusiva numa instituição inclusiva. Tendo apenas como certa a postura de aprendizagem contínua e tendo consciente a necessidade de este ser um trabalho que só terá resultados de mudança estrutural com impacto visível na cultura organizacional se se envolver, como parceiros ativos, *todos* os utilizadores e parceiros (alunos sem necessidades educativas especiais sinalizadas, alunos com necessidades educativas especiais, outros serviços do IPBeja, *stakeholders* na área da educação especial ou do ensino superior).

Bibliografia:

ALVES, Maria M.; RIBEIRO, Jaime; SIMÕES, Fátima (2013) – Universal Design for learning (UDL): contributos para uma escola de todos. *Indagatio Didáctica* [Em linha]. Vol. 5, Nº 4. [Consult. 24 jul. 2016]. Disponível na internet: <URL: <http://revistas.ua.pt/index.php/ID/article/view/2570>>. ISSN 1647–3582

GUERREIRO, Augusto D. (2000) – Para uma biblioteca universal: biblioteca e sociedade inclusivas. Almada: Unidade de Investigação em Motricidade Humana do Instituto Jean Piaget. 36 p.

GUERREIRO, Augusto D. (2002) – Para uma comunicação mais inclusiva. *Análise psicológica* [Em linha]. Vol. 20, N.º 3. [Consult. 23 jul. 2016]. Disponível na internet: <URL: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312002000300010>. ISSN 0870-8231

IFLA (1994) – Manifesto da IFLA/UNESCO sobre Bibliotecas Públicas [Consult. 25 jul. 2016]. Disponível na internet: <URL: <http://archive.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm>>

IRVALL, Birgitta; NIELSON, Gyda S. (2005) – *IFLA Access to libraries for persons with disabilities: checklist* [Em linha]. Haga: IFLA. [Consult. 1 ago. 2016]. Disponível na internet: <URL: <http://www.ifla.org/files/assets/hq/publications/professional-report/89.pdf>> ISBN 9077897046

SCONUL; ROBERTSON, L. (2012) – *Access for library user with disabilities* [Em linha]. London: Sconul. [Consult. 1 ago. 2016]. Disponível na internet: <URL: <http://www.sconul.ac.uk/content/access-library-users-disabilities>>

PLAYFORTH, Sarah (2016) – Inclusive library services for deaf people: an overview from the social model perspective. *Health information and libraries jornal* [Em linha]. N.º 21, supl.2. [Consult. 30 ago. 2016]. Disponível na internet: <URL: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1740-3324.2004.00518.x>>. ISSN 1471-1842

REYES, Millán ; NIEVES, Ana (2006) – *El reto de la biblioteca universitaria como recurso para la educación en el EEES: los servicios de apoyo, servicios especiales para personas con discapacidad en las Bibliotecas universitarias españolas*. [Em linha] Madrid: RPPD, 2006. pp. 182-196. Comunicação apresentada no II Congreso Nacional sobre Universidad e discapacidad. XI Reunión del Real Patronato sobre Personas con Discapacidad “Adaptar la igualdad, normalizar la diversidad [Consult. 31 ago. 2016]. Disponível na internet: <URL: <http://sid.usal.es/22259/8-4-2>>

RIBEIRO, Alice; LEITE, João (2001) – Contributos para um Conceito de Biblioteca Inclusiva. [Em linha] Porto: APBAD, 2001. Comunicação apresentada no 7º Congresso BAD “Informação: o desafio do futuro”, [Consult. 23 jul. 2016]. Disponível na internet: <URL: <http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/700>>.

KUMBIER, Alana ; STARKEY, Julia (2016) – Access is not problema solving: diability justice and libraries. *Library trends* [Em linha]. Vol. 64, nº 3 [Consult. 2 set. 2016]. Disponível na internet: <URL: <https://muse.jhu.edu/article/613919>>.